

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



ARTIGO

A REPRESENTAÇÃO DOS CONHECIMENTOS COSMOLÓGICOS NAS HISTÓRIAS ORAIS E PRÁTICAS CULTURAIS DAS CRIANÇAS MUNDURUKU

The representation of cosmological knowledge in the oral stories and cultural practices of Munduruku children

La représentation des connaissances cosmologiques dans les histoires orales et les pratiques culturelles des enfants Munduruku

Ronélia do Nascimento

Mestra em Educação, professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Juara, atuando na área de História da Educação no curso de Pedagogia.

E-mail: ronelianascimento@hotmail.com

Alceu Zoia

Doutor em Educação, professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop, atuando na área de Filosofia da Educação no curso de Pedagogia, e na área de Filosofia das Ciências no curso de Matemática, professor e vice coordenador do Programa de Pós graduação, Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso em Cáceres, atuando na área de Educação e Diversidade.

E-mail: alceuzoia@hotmail.com

Como citar este artigo:

NASCIMENTO, Ronélia do; ZOIA, Alceu. A representação dos conhecimentos cosmológicos nas histórias orais e práticas culturais das crianças Munduruku. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. vol. 2, n. 1, p. 86-98, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 2, número 1 (2019)

ISSN 25959026

A REPRESENTAÇÃO DOS CONHECIMENTOS COSMOLÓGICOS NAS HISTÓRIAS ORAIS E PRÁTICAS CULTURAIS DAS CRIANÇAS MUNDURUKU

The representation of cosmological knowledge in the oral stories and cultural practices of Munduruku children

La représentation des connaissances cosmologiques dans les histoires orales et les pratiques culturelles des enfants Munduruku

Resumo

Neste diálogo temos a intenção de refletir sobre os saberes étnicos e identitários presentes nas histórias narradas pelas crianças indígenas Munduruku da aldeia Nova Munduruku na Terra Indígena Apiaká-Kayabi no município de Juara-MT. Trata-se de um recorte da pesquisa realizada em 2013 e 2014 referente ao Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, que buscou investigar a criança Munduruku e sua infância, teve prosseguimento com o Projeto de pesquisa Infâncias na Diversidade: Políticas educacionais no contexto da Amazônia Legal Matogrossense. Trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, os materiais e métodos utilizados foram as fontes bibliográficas que discutem o propósito da temática estudada, pesquisa de campo realizada nos momentos de intercâmbios com as crianças e as narrativas por elas contadas.

Palavras-chave: Saberes Culturais; Crianças Munduruku; Histórias Oraís

Abstract

In this dialogue we intend to explore and reflect on the ethnic and identity knowledge present in the stories narrated by the Munduruku indigenous children of the Nova Munduruku village in the Apiaká-Kayabi Indigenous Land in the municipality of Juara-MT. This is a review of the research carried out in 2013 and 2014 regarding the Master of the Postgraduate Program in Education of the State University of Mato Grosso, which sought to investigate the child Munduruku and his childhood, continued with the Research Project Childhood Diversity: Educational policies in the context of the Matogrossense Legal Amazon. It is an ethnographic research, the materials and methods used were the bibliographical sources that discuss the purpose of the subject studied, field research carried out in the moments of exchanges with the children and the narratives they tell.

Keywords: Cultural Knowledge; Munduruku children; Oral Histories

Résumé

Dans ce dialogue, nous avons l'intention de réfléchir sur les connaissances ethniques et identitaires présentes dans les récits racontés par les enfants autochtones Munduruku du village de Nova Munduruku, sur la Terre Autochtone Apiaká-Kayabi, dans la municipalité de Juara-MT. Il s'agit d'une partie de la recherche menée en 2013 et 2014 sur le Programme de Troisième Cycle en Éducation de l'Université de l'État du Mato Grosso, qui visait à enquêter sur l'enfant Munduruku et son enfance, et qui a continué avec le Projet de recherche Enfances dans la Diversité: les Politiques éducatives dans le contexte de l'Amazonie Légale Matogrossense. Il s'agit d'une recherche ethnographique; les matériaux et méthodes utilisés sont les sources bibliographiques qui abordent la thématique étudiée, recherche de terrain tenue dans les moments d'échanges avec les enfants et les récits qu'ils racontent.

Mots-clés: Savoirs culturels; Les enfants Munduruku; Histoires orales

Identidade e cosmovisão nas histórias das crianças Munduruku

Falar sobre a criança indígena nos convida a observar e refletir sobre a diversidade da infância existente em nosso país, considerar essa diversidade entre os grupos étnicos, que pouco tem sido abordado, conforme podemos confirmar ao realizar um levantamento no banco de dados da CAPES (Coordenação de Pessoal de Nível Superior). Consideramos a relevância de trazer essa discussão por compreendermos que as mesmas são partícipes da construção e reconstrução do saber, sujeitos históricos sociais, guardiões dos saberes tradicionais. Trazer a criança Munduruku para esta discussão não é aleatório e sim por não ter sido abordada, por não existir um olhar para ela nas pesquisas, e as crianças que aqui são mencionadas residem na aldeia Nova Munduruku, localizada na Terra Indígena Apiaká/Kayabi no município de Juara no Estado de Mato Grosso.

Essas crianças apresentam o vínculo com o lugar onde vivem, suas histórias de vida se entrelaçam com o aprendizado cotidiano, com a historicidade dos saberes culturais de seu povo. O povo Munduruku traz historicamente a tradição cultural do ensino e da aprendizagem oral, por meio de histórias educam e são educados.

É por meio da cultura que os sujeitos aprendem, existe a cultura local e as culturas de pessoas e lugares com os quais os sujeitos se relacionam ao longo da vida. Leontiev (2004) aponta que a cultura é mediadora da relação entre o ser humano e a realidade vivida, através de suas vivências e do contato com os objetos e fenômenos do mundo que agem sobre eles, é através da ação humana que se transforma em atividade da consciência, a ação é mediadora do sujeito da atividade com os objetos da realidade, estando essas ações humanas interligadas nos processos psicológicos em relação ao seu contexto cultural e social.

O ser humano se apropria de conhecimentos culturais por meio das gerações anteriores, a cultura é repassada entre as gerações. A aprendizagem se dá no espaço físico e social e são através das relações entre os sujeitos que se constituem seus valores e suas crenças, que são determinantes em suas ações. Desde o nascimento a criança é imersa na vivência social, aprende os signos e símbolos culturais estabelecidos nesse meio.

Desse modo, leva-nos a compreender que a criança vive em um ambiente cultural constituindo seus saberes por meio da vivência, sua formação de identidade acontece por meio da cultura externa de organização social e a interna que são produtos culturais ligados à cosmologia. O aprendizado da criança ocorre na dimensão cognitiva, é um sujeito da cultura e

a cultura dá sentido às ações e a torna possível, é dinâmica, desenvolve memória e história, consciência reflexiva sobre o “eu” e o mundo simbólico.

Nesse diálogo com as crianças Munduruku, expressando seus saberes por meio das histórias das quais aprendem na relação com os mais velhos, é que a compreendemos como uma forma de educação, uma pedagogia indígena. Durante o convívio com as mesmas pudemos perceber a espontaneidade para dizer o que pensam. Para quem as ouve é necessário ser minucioso, pois é preciso perspicácia, observar e ouvir para entender o que está nas entrelinhas para não cometermos equívocos nas interpretações.

Trata-se de crianças que vivem emanadas em liberdade com o meio onde vivem, gostam de receber atenção, são curiosas, participam dos acontecimentos sociais, são porta vozes de recados, sabem quem chega e quem sai da aldeia, mesmo antes dos adultos perceberem porque estão sempre espalhadas pela aldeia, ora no rio, no córrego, nos arredores de suas casas, na escola, no salão comunitário.

Compreendemos que a concepção da educação na infância é a da liberdade de aprender, de ser e estar. Sua presença é marcante em todos os espaços, pois são agentes socializantes, são compreendidas como as pessoas que deixam o ambiente alegre. Entendemos que a educação indígena se vale da interação social e possibilita que a criança adquira os saberes de seu povo, seja por meio da oralidade, como também das ações coletivas que firmam a aprendizagem destes saberes entre as gerações.

Cohn (2005), afirma que o olhar antropológico sobre a criança no que diz respeito à educação e aos processos de aprendizagem, requer que busquemos compreender o que significa a palavra educar e aprender, sendo assim, é preciso que saibamos os lugares e as relações envolvidas nesse processo, como a criança está inserida e de que criança se trata.

Aprendemos com essas crianças o quanto elas têm muito a nos ensinar, as histórias contadas que são as memórias dos ancestrais (me parece delas também), até acontecimentos singulares cotidianos que fizeram parte das narrativas. As crianças deram abertura para adentrarmos no seu cotidiano, no universo de crenças, saberes que as constituem, por meio da oralidade com os mais velhos, as quais chamamos de histórias. Demonstraram seus saberes em momentos de descontração, nos momentos das brincadeiras, dos banhos no rio.

Em muitos momentos uma criança iniciava uma história e logo outra chegava e participava da conversa, ajudando a outra a lembrar de fatos ou explicar algo que contribuiria

com a narrativa, outras até tomavam a cena numa tentativa de prender nossa atenção em sua fala.

Dessa forma, explicavam vários saberes, pois gostam muito de histórias. Juntos ouvíamos e contávamos histórias. Esse era um momento que os olhares ficavam compenetrados no narrador da história. Enquanto ouvíamos as histórias contadas pelas crianças, sentíamos diversas sensações e algumas causavam medo, por serem sobre seres sobrenaturais. Muitas delas fazem parte do cotidiano destas crianças, coisas que ouvem os adultos contarem, como também elas afirmam vivenciar, como por exemplo, sobre o macaco Gogó de sola ou Jurupari, que é muito perigoso.

Segundo as crianças, quando os homens vão caçar à noite, precisam ter cuidado para não serem mordidos no pescoço por esse macaco. O animal é chamado de macaco da noite por ser o período que mais anda na mata. Sempre aparece na beira do córrego, próximo da aldeia para tomar água. Esse animal, segundo os indígenas, é um Jurupari porque é do mal. Este animal é relacionado com as coisas maléficas, por atacar caçadores na mata, a palavra Jurupari tem o sentido de espírito do mal.

Além do macaco gogó de sola, existe outro animal que as pessoas precisam ter atenção para não serem atacados por eles. Trata-se de cobras, principalmente a sucuri que chega a medir dez metros de comprimento. Essa cobra ataca suas presas enrolando-se e afogando-as para depois engoli-las. Seu habitat preferido é a água.

Nessas histórias cotidianas sobre ataques de animais e répteis, aparecem coisas das quais não podem fazer, porque atraem maus espíritos, como nos contou um dos meninos sobre um acontecimento com dois rapazes da aldeia, que estavam estourando bombinhas tarde da noite, e apareceu um espírito em forma de bebê que veio do mato, ficou rodeando a casa deles chorando e no outro dia viram as pegadas do bebê no chão.

As crianças afirmam existir seres sobrenaturais na aldeia e seus arredores, de terem sido perseguidas uma certa vez em que foram no mato buscar frutas e apareceu um ser chamado Axi, uivando e correu atrás delas até chegarem próximos da aldeia.

Também contam que alguns espíritos imitam gente, à noite batem na porta das casas e que no rio existe um espírito de um menino chamado “negrinho do rio” que puxa as pernas das pessoas, por este motivo, não se deve ficar dentro do rio depois do pôr do sol. Um dos meninos já foi atacado por este ser, quase morreu afogado, depois do ataque o menino ficou doente e foi preciso ser atendido pelo pajé, porque ficou muito assustado e não conseguia

dormir a noite. Afirmam que o negrinho do rio às vezes aparece em forma de redemoinho na água e carrega a pessoa para o fundo do rio, tenta virar o barco dos homens da aldeia.

O ambiente da aldeia para nós se apresenta tranquilo e seus arredores compõem mistérios, de acordo com as narrativas dessas crianças, coisas sobrenaturais acontecem no cotidiano da aldeia. Além desses acontecimentos, existem alguns que as pessoas podem evitar que algo ruim aconteça, estes estão relacionados a fenômenos cosmológicos, como a lua. Uma das meninas compartilha de saberes referentes aos efeitos da lua sobre o ser humano e sobre a plantação das roças.

A fase da lua cheia, que a menina chama de “lua laranjada”, é considerada a “lua do pajé”, porque muitos rituais de pajelança são feitos nesse período de lua cheia. Tem a restrição de a criança não poder ficar olhando para a lua cheia por muito tempo porque irá atrapalhar no crescimento, “pode até ficar baixinha e não crescer”, afirma a menina.

Entre os mistérios e seus saberes, sua forma de ler o mundo e viver nele com suas crenças determinam o que podem e o que não podem fazer; agem com um equilíbrio da sua forma de viver no mundo. São experiências não científicas determinantes no comportamento deste povo diante de várias situações. É possível perceber que não é algo restrito ao mundo do adulto, mas as crianças demonstram suas experiências sobre o assunto, fornecendo suas informações referentes ao sobrenatural.

A opção por trazer esses saberes das crianças Munduruku a este trabalho se deu pelo fato de percebermos essa crença forte entre eles no seu grupo social de pertencimento. Não é algo inventado pelas crianças, mas trata-se de algo com os quais elas convivem no meio social, elas/talvez utilizar a palavra assim, vivem e vivenciam essas crenças.

Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre esse assunto é um convite a se desarmar de qualquer preconceito, para compreendê-las. É dar voz a seus saberes, disponibilizar tempo para ouvir aquilo que demonstram vontade em nos contar.

Nessa perspectiva, estes saberes são formas de explicar e naturalizar alguns comportamentos, como não olhar para a lua cheia, não ficar dentro rio depois do pôr do sol. Isso está relacionado à tomada de consciência sobre suas ações e suas consequências. É como diz Eliade (2011, p. 109): “Viver, para o homem das culturas tradicionais, significa viver segundo os modelos extra-humanos, de acordo com arquétipos e mitos primordiais, com a finalidade de renovar o cosmos”.

Para o autor, esse viver do ser humano relacionado ao sobrenatural se dá por revelar o mundo via exemplos que integram com a realidade, que dá sentido para suas vidas, na dialética existente, nas narrativas de seu povo sobre o simbolismo que se insere entre ser humano e suas ações, que lhes dá significado às coisas e acontecimentos. Tudo isso é resultado do processo dialético entre o ser humano, a natureza e o sobrenatural.

Diante do que as crianças disseram sobre diversos acontecimentos e fenômenos, não os consideramos em nenhum momento algo que mereça ser subjugado, compreendido até mesmo como mito numa configuração de ficção. Consideramos como saberes cosmológicos a relação e a compreensão que as crianças têm sobre o mundo sobrenatural e as manifestações da natureza.

Diante de seus saberes e experiências adquiridas, seja pelo vivido ou pela oralidade das pessoas adultas, vão se orientando quanto ao seu comportamento diante de determinadas situações, formando o caráter de sujeito social e cultural. Para melhor sustentação destes argumentos o filósofo Mircea Eliade (2011, p.125) nos diz:

O homem das sociedades nas quais o mito é uma coisa vivente, vive num mundo “aberto”, embora “cifrado” e misterioso. O Mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos. Através dos mitos e dos símbolos da Lua, o homem capta a misteriosa solidariedade existente entre temporalidade, nascimento, morte e ressurreição, sexualidade, fertilidade, chuva, vegetais e assim por diante. O mundo não é mais uma massa opaca de objetos arbitrariamente reunidos, mas um Cosmo vivente, articulado e significativo.

Para este autor é importante que tratemos os mitos como histórias sagradas que contam o que acontece na relação entre ser humano e o sobrenatural. Entre essa ligação humana e sobrenatural existe também uma ligação com os ancestrais.

Entre esses saberes que consideramos cosmológicos, pois buscam compreender as manifestações da natureza, dos astros, os mistérios da água e da mata, parecem que os ajudam a se orientar. É importante respeitar as crenças e padrões sociais, o que é algo primordial na relação humana, pois assim podemos aprender vários dos seus saberes. As vozes das crianças são uma forma de percebermos a sua participação na vida de seu povo, são orientações para agir em conexão com a natureza, estes saberes são constituídos no contexto social, por meio da vida cotidiana, então nada melhor do que viver um dia de cada vez, aprendendo e fazendo história.

Compreendemos que as histórias fazem parte da infância Munduruku, são representadas por signos construídos culturalmente por meio da fala, da língua propriamente dita por Vygotsky (1989), que se refere à fala, a sonoridade das palavras, como o principal instrumento da representação simbólica.

Por meio da língua está se relacionando ao pensamento generalizante, onde a fala se encaixa no pensamento, é aí que o pensamento e linguagem se fortificam. O uso da língua implica numa compreensão generalizada do mundo, ao nomear alguma coisa a criança está realizando um ato de classificação, ao chamar uma arara de arara, está colocando arara numa classe de objetos do mundo. Pois, em suas histórias os componentes são em sua maioria do meio social onde vivem ou da própria cultura.

Consideramos relevante trazer alguns dos momentos que vivenciamos com as crianças, onde nos reunimos para contar histórias, ao lado das casas, sentamos no chão em círculo. Nesse dia não foi possível fazer fogueira, pois chovia muito e não havíamos pegado madeira para secar. Durante as narrações das histórias, existia concentração, os olhares fixos em quem narrava, não havia interrupção.

Esse momento coletivo proporcionou a partilha de seus conhecimentos, pois estavam trazendo suas memórias construídas na oralidade, escuta e vivência com os mais velhos, como também dos próprios colegas.

Compreendendo as histórias que permeiam a cultura deste povo, elas são de ensinamento, é uma relação que proporciona conhecimento da memória dos ancestrais, suas práticas diante do mundo, com símbolos e signos, que podem ser compreendidas por lendas e mitos, como também de saberes culturais por apresentarem valores e crenças culturais. Porque lenda nada mais é que uma fantasia, o mito é uma forma de explicar as coisas por meio de uma história.

Conforme Eliade (2011, p.17), o mito é uma realidade cultural, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. As histórias, chamadas mitos, narram sobre seres divinos e profanos, dando uma originalidade de verdade, é como se fossem as explicações da realidade da criação das coisas e das atividades humanas tendo toda sua interpretação pela linguagem simbólica. Considerando que o mito não é uma fábula, é uma maneira de contar história sobre o cosmos, o ser humano, lembrando o passado e prevendo o futuro, é uma junção do imaginário com o simbólico e com a cultura.

As histórias narradas pelas crianças, boa parte delas, são de cunho tradicional, abordando situações educativas. Existe o mistério, perigo, maldade, bondade, perversidade, punição, profano e sagrado. Existem histórias que fazem parte dos saberes tradicionais desse povo, a história da anta é uma delas, pois este animal é considerado sagrado, e essa história conta o motivo da anta ser considerada sagrada.

Segundo a história este animal seduzia as mulheres da aldeia, mantinham encontros na beira do rio, até que os homens descobriram a traição, armaram uma emboscada e mataram a anta. Quando as mulheres souberam da morte da anta, jogaram-se no rio e transformaram-se no peixe jacundá.

Os homens ao se verem sozinhos, com seus filhos, entraram em desespero e resolveram pescar suas mulheres. Quando começaram a tirar os peixes da água não podiam olhar para eles e vê-los se transformar novamente em suas esposas e as mulheres falaram aos seus maridos que só voltaram para a terra porque sentiram pena deles.

Essas histórias que fazem parte da vida do povo Munduruku, nos levam a uma viagem no túnel do tempo, para que possamos identificar sua mensagem, seu modo de comunicação que hoje faz parte da memória das crianças constituídas pelas memórias dos antepassados, é um modo de comunicação que perpassa as gerações, com marcas do povo, seus valores e crenças, que não estão registrados em livros, cartas, nem em peças teatrais, muito menos expostas pela mídia televisiva e sites, estão na memória do povo e sua transmissão se dá pela fala, de maneira dialógica. Como nos afirma Velho (2001, p.11) “[...] não existe vida social sem memória, a própria possibilidade de interação depende de experiências e expectativas culturalmente compartilhadas”. A narração de histórias faz parte de uma rede de significados, de valores sociais, de identidade podendo ser coletivo e individual, mas é uma visão social e cultural.

Existem histórias que trazem a representação social de seu povo, que diz respeito à desobediência, como é o caso da história de um menino que desobedeceu a seu avô, indo para uma festa e chegando à festa deparou-se com um ser sobrenatural. Contam ainda histórias que pregam a preservação e o não desperdício de alimentos, contando que um velho tinha o hábito de estragar carne de porco e o espírito que é dono dos porcos entrou em um dos porcos, o velho atirava, salpicava e não entrava a flecha no corpo do porco. Essa narrativa nos faz retomar a questões acima mencionadas quanto a posturas que este povo tem, na compreensão

da qual não devem abater animais além da quantidade necessária, o desperdício de alimento é algo que procuram evitar.

As histórias também apresentam suas divindades, sendo estas uma ligação entre o ser humano e a espiritualidade, numa busca de vida harmônica, uma dinâmica de como se correlacionar no mundo e no cosmos, e essa relação se dá via a concepção étnica de mundo. E essa concepção ocorre no interior humano e no mundo exterior, acontecendo o entrelace que forma a linguagem simbólica como mediadora da conscientização do ser humano.

Ouvir essas histórias nas vozes das crianças, perceber suas entonações de voz, expressões faciais e a atenção dos demais que as ouvem, demonstra a valorização que essas histórias têm para eles, a forma que explicam algumas palavras que não compreendíamos e as ações que constavam nas narrativas.

Era como se estivéssemos fazendo um ritual que envolvia observar o outro, abrir o imaginário e esse proporcionava uma viagem na narração envolvendo emoção e credibilidade como se estivéssemos vendo os fatos acontecerem diante de nossos olhos. Isso tudo graças ao imaginário que a mente proporciona.

Muitas dessas histórias fazem parte de integração de suas vidas e é uma oportunidade de manter viva a tradição e as manifestações simbólicas como mediadoras de ordem social e entre seres humanos e a natureza. É uma linguagem do inconsciente, como se fossem sonhos, podendo provocar diversos processos mentais por parte do narrador e dos ouvintes.

Desse modo, essas histórias são de significados simbólicos, espelhadas no imaginário, sendo representadas por sentimentos e valores produzidos ou até mesmo reproduzidos conscientemente e inconscientemente em suas ações culturais, por meio do tempo e da tradição, propiciando aprendizagem para viver no mundo e em sociedade. Basta que observemos na própria história do surgimento do povo Munduruku, existe a ligação do povo com a terra, pois segundo sua história, este povo veio do centro da terra, onde viviam dispersos e sem união, o que tornava sua vida difícil. Foi KaruSakaibã que os trouxe para o mundo de cima, considerando que este é o criador de todas as coisas.

As pessoas preguiçosas foram transformadas em animais de várias espécies e em plantas, por isso que os Munduruku consideram que a fauna e flora são seus parentes. Algumas pessoas das quais vieram do centro da terra, justamente no momento quando estavam quase conseguindo sair de dentro do buraco, a corda que os conduziam arrebentou e

caíram novamente no buraco. Como eram muitas pessoas, KaruSakaibã resolveu trazê-los novamente, mas diferenciou-os, e dessa forma se deu a criação dos outros povos indígenas.

Diante dessa história que tem a relação com o ser mítico KarúSakaibã, como o criador da vida e que andava pela terra, observando as passagens da história é uma construção de conhecimento nativo, místico, uma mediação cultural da existência étnica.

É nítido o simbolismo nas narrativas de cada história, na história da anta inclusive, essa anta era o filho de KaruSaibã, nessa história e a da flauta sagrada percebemos uma forma de explicar o lugar da mulher na sociedade Munduruku, que não exerce cargos de poderes a não ser o de rainha do lar, mãe e esposa. A história do pé de tucum, também tem uma explicação, pois ele era baixo, mas o filho de KaruSaibã furou-se em um dos espinhos dessa palmeira e KaruSaibã fez com que essa palmeira crescesse mais um pouco para evitar acidentes, demonstra o cuidado que os pais precisam ter com os filhos, já a da árvore Bokay traz desarmonia familiar e depois reforça o companheirismo.

A maioria das histórias que ouvimos são longas, é possível perceber nas narrações das crianças a tonalidade de voz para o mistério que trazem nas narrações que diz respeito aos conhecimentos tradicionais trazidos na memória coletiva que são de cunho educativo, por explicarem a existência das coisas, do mundo e até deles mesmo, sendo referência para a construção da identidade cultural desse povo.

Considerações finais

Neste texto, apresentamos o que foi possível perceber durante a pesquisa de mestrado e no projeto desenvolvido na sequência, percebeu-se um modo de cultura significativa decorrente da história do povo Munduruku, a aprendizagem das crianças se mostra como expressão legitimada nas narrativas orais, suas histórias, podendo ser compreendidas como contos, mitos e etc. o destaque principal para nós é perceber e compreender as histórias como marca identitária e educativa no cotidiano das crianças.

Onde o ato de contar histórias entre os mais velhos e crianças, crianças e crianças, revitaliza as práticas culturais, símbolos, crenças e valores. São maneiras de educar usando narrativas que se caracterizam como memória coletiva de um povo, trazendo ao presente, um passado renovado, seguindo uma sonoridade de identidade coletiva, por remeter-se a um

povo, a sua tradição, ao seu cotidiano, sua forma de ver e viver no mundo. Consideramos que esse encontro dialógico com a infância, a forma de ser vista e vivida em diferentes momentos, seus saberes, sua convivência, nos permitiram adentrar nesse contexto, para compreendermos que na criança está a esperança de um povo, na continuidade de seus saberes.

Nosso compromisso é contribuir do ponto de vista teórico para o debate sobre a criança indígena visando superação da visão única, colonizadora, respeitando a forma de se relacionar com a vida, suas experiências históricas e cosmológicas. Expressamos um olhar sobre a criança e seus saberes a partir dos momentos vivenciados junto a elas, oportunizando experiências e aprendizados nas vozes, nos olhares, na linguagem corporal de cada criança, permitindo conhecer um pouco sobre sua infância, seus saberes, a relação das histórias orais e seu modo de pensar e viver no mundo, a responsabilidade histórica e cosmológica que tem essas histórias, podendo propor fundamentos epistemológicos e metodológicos para orientação das relações educacionais interétnicas, sendo relevante para a percepção e relacionamento, como também fazem parte da resistência e reafirmação étnica e identitária enquanto singularidade cultural. Essas histórias são formas de educar socialmente seu povo, incorporar as experiências de grupo, como também fazem parte de suas crenças e seus valores coletivos. As crianças aprendem a lidar com a tradição cultural, com elementos materiais e imateriais que compõe a expressão da vida, a transmissão oral das histórias são relacionadas ao uso da terra, relação entre ser humano e natureza e com sua espiritualidade. As histórias orais nos revelaram uma expressão do modo de vida procedente dos saberes tradicionais que perpassam as gerações, e esse processo sócio-histórico oral exerce influência no sentimento de pertencimento, por organizar o pensar e o agir no contexto social e cultural deste povo.

Referências

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro; Zahar, 2005.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LEONTIEV, Aléxis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

VELHO, Gilberto. **Memória, cultura e sociedade**. In: LEIBING, Annette; BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Orgs.). *Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória*. São Paulo: Mandarim, 2001.

VYGOTSKY, L S. O problema de método. In VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. S. Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido: 10/01/2018

Aprovado: 08/10/2018

Publicado: 30/06/2019